17. A primeira testemunha da morte gloriosa

O centurião havia gritado: “De fato, este era filho de Deus!”. Os amigos do Homem crucificado talvez não tivessem compreendido o seu latim ou o seu grego. Dos seus soldados, amedrontados pelo terremoto e pelas trevas, somente alguns o haviam olhado com olhar interrogativo, talvez desdenhoso, julgando-o louco. Mas ninguém havia dado verdadeira importância ao fato, a ele, àquilo que vivia, e também ele se apressara a fazer de conta que nada acontecera e a dar seguimento à execução dos três malfeitores.

Agora, a ordem de dirigir-se imediatamente a Pilatos, no fundo, lhe dava uma boa distração, o trazia de volta à realidade. Talvez tivesse esperança de esquecer tudo e voltar à vida de antes, na espera de finalmente voltar a Roma, de deixar aquele país tão complicado, aqueles judeus sempre rebeldes a César por suas convicções religiosas, e desfrutar a aposentadoria em alguma vila no interior do Lácio ou da Toscana.

Mas, assim que chega a Pilatos, vê que lá fora há um judeu bem vestido, rico, e entende que evidentemente o Procurador não poderia tê-lo chamado, justo naquela noite, sem que o motivo não fosse precisamente aquele condenado que vira morrer.

Pilatos o acolhe, também ele diferente do habitual. Vê que o procurador o esperava quase com ansiedade, que quer perguntar-lhe algo que, no fundo, lhe interessa mais que os habituais relatórios de missão cumprida. Pergunta-lhe se Jesus, o Nazareno, já está morto, se realmente morreu assim tão depressa.
O centurião torna-se, então, o primeiro na história do cristianismo a anunciar a um pagão a morte de Cristo.
E ali, este homem, sente-se impelido a não dar somente a informação objetiva: “Sim, morreu por volta da hora nona, antes dos outros dois condenados. Verificamos, traspassando-lhe o tórax, e dele saiu somente água e sangue. Estava totalmente exangue”.
Percebe que não pode falar assim da morte que viu. Pilatos sente a sua hesitação, quase como se fosse alguém que deve comunicar a um pai a morte trágica de seu filho.
Pilatos o perscruta, e é tomado novamente por aquela sensação de temor que lhe veio enquanto julgava Jesus. Por isso, não perde a paciência. Permanece ali diante da atitude insólita do seu centurião, sem falar, fitando-o, quase com uma sujeição reverencial. A autoridade já não é sua: o outro fez uma experiência maior que a sua, ou então a mesma que ele fez naquela manhã, quando viu Jesus voltar da flagelação, tão maltratado e, contudo, tão grande, tão cheio de autoridade.

O centurião esquece quem tem diante de si: no seu coração vê somente Jesus e, como se falasse consigo mesmo, descreve aquela cena, as últimas palavras, aquele expirar sem fim, aquele reclinar da cabeça, aquele terrível silêncio, aquele desaparecer de tudo e de todos da sua percepção do mundo, aquele permanecer somente Jesus, e também diante de Pilatos se vê repetindo aquilo que disse, aquilo que confessou imediatamente: “De fato, este era filho de Deus!”.

Pilatos recua, como se sofresse um golpe violento. Volta-se para o outro lado, em direção à parede. O centurião cala, mas estranhamente sente dentro de si uma grande paz. Desapareceu aquele desgosto, aquela tristeza vazia que sentia antes, aquela neblina sem horizonte. Porque, quando falou de Jesus, da sua morte, do seu exalar, foi como se tivesse sentido que aquilo que vira e reconhecera às três da tarde *permanecia,* estava ali, estava nele, era uma realidade que não havia terminado, que permanecia doada. Era como se tivesse novamente sentido sobre si soprar aquele espírito, aquele sopro último que para ele era um início sem fim. Não sabia como, nem por quê, nem como era possível, mas de repente no seu coração brotara a certeza de que aquele Homem estava vivo, que não havia assistido a uma simples morte, mas ao nascimento de uma realidade nova, toda ligada àquele Homem, toda consistente n'Ele. Uma realidade nova que já havia começado nele, no seu coração, e que, portanto, não podia negar. O Nazareno já vivia nele, já o sentia viver nele, como se aquele sopro vital que saíra do seu corpo moribundo tivesse entrado nele. Com efeito, tinha-o impressionado que, naquele momento, a mãe de Jesus tivesse permanecido ali, de pé, sem dilacerar-se como deveria ter feito uma mulher judia diante da morte de um filho, e que morte! Havia permanecido ali a fitar o Filho, como se visse algo além da sua morte, além do dilaceramento, além do mal que chegara ao seu cume.

Pilatos despediu-o sem comentários. Disse-lhe somente que permitisse ao judeu rico que estava à porta tomar o corpo do condenado e sepultá-lo onde quisesse. Ordenou-lhe até mesmo que o acompanhasse em toda essa operação, para evitar toda possível irregularidade, o que o centurião acolheu com secreta comoção, ao pensar que poderia rever o Nazareno.